

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

RELATÓRIO PARCIAL

CONTOS & ESTÓRIAS
GOVERNO DAS CONDUTAS:
Da formação do indivíduo e do controle

Relatório Parcial - Pesquisa de Iniciação
Científica (PIBIC-CNPq)

Bolsista: Ariele dos Santos Rocha

Orientadora: Salete Oliveira

SÃO PAULO
2013

Resumo

O objetivo da pesquisa — *Contos & Estórias. Governo das Condutas: Da formação do indivíduo e do controle* — é realizar através de análise de conteúdo histórico e teórico o estudo e abrangência das formas de controle utilizadas nos contos e estórias infantis durante a formação dos indivíduos. O presente relatório, referente à primeira etapa da pesquisa, contemplará a análise genealógica de contos de fadas, seu contexto histórico, as transformações pelas quais passaram; como forma de educação moral de crianças. Considerou-se, inicialmente, para desenvolvimento posterior, a história da socialização das crianças por meio da produção do conceito de infância. A inserção das crianças na sociedade implica no governo de suas condutas — problema que atravessa a pesquisa —, primeiro uso do castigo sobre seus corpos e depois sua imaginação, fazendo incorporar os padrões estabelecidos. Por fim, contempla-se, nesta etapa, o contexto histórico-político, e quais padrões de conduta foram apresentados nas estórias de *Pinóquio*, *Alice no País das Maravilhas* e *Peter Pan*. Simultâneo à apresentação dos autores, bem como as possíveis utilizações feitas por cada um no momento de escrevê-las. Este relatório apresenta uma primeira sistematização do material levantado, da mesma maneira que indica os percursos analíticos a serem contemplados na sequência da pesquisa. Este trabalho de Iniciação Científica integra o Projeto Temático FAPESP *Ecopolítica: governamentalidade planetária, novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle*, nos estudos relativos à educação de crianças e jovens.

Palavras-chave: crianças; governo; contos infantis; educação.

Sumário

1. Relatório de Atividades	4
2. Relatório Científico	7
Apresentação e Método de Pesquisa	7
Projeto Temático FAPESP & Iniciação Científica	8
Introdução da Pesquisa	9
Era uma vez - Onde tudo começou?	10
A construção da infância	13
Governo das Condutas	15
Análise dos Contos	19
Sê tu mesmo! – <i>Ser humano</i>	20
Pinóquio, o Grilo Falante e a Consciência	22
Quem és tu?	25
Alice no confuso País das Maravilhas	28
A Terra do Nunca	31
Peter Pan e Crianças Impossíveis	33
Plano de Trabalho	37
Cronograma	37
Bibliografia	38
Sites consultados	39

1. Relatório de Atividades

Recebi orientação e indicações de leitura relativas ao tema da pesquisa e também obtive referências de apoio, tal como indicações de leituras, diretamente da orientadora, e também de integrantes do Projeto Temático Ecopolítica.

Durante a primeira etapa da pesquisa foi realizado levantamento bibliográfico, leitura e sistematização de conteúdo. De acordo com o cronograma de atividades estabelecido ao início da pesquisa, o primeiro semestre, foi utilizado, para levantamento histórico – os contos e histórias infantis a serem analisados – e conteúdo teórico como base da defesa da pesquisa, além da problematização dos contos selecionados.

Objetivos alcançados:

Levantamento dos contos e estórias infantis e sinalizações iniciais para sistematização.

Dificuldades:

Cruzamento de informações teóricas. Mesmo com a facilidade quanto o acesso ao material histórico/analítico, houve certa dificuldade em encontrar material acadêmico que se adequasse à proposta inicial da pesquisa.

Estratégias:

A pesquisa está sendo realizada a partir de duas etapas:

- Levantamento analítico e histórico (contos e material acadêmico)
- Análise da proposta de pesquisa a partir dos dados levantados

Quanto às atividades relacionadas ao Projeto Temático, foi realizado um relatório referente ao evento Rio+20, especificamente relativo aos grupos com presença jovem, tais como *O Enlace das Juventudes* e o *Youth Blast*. Segue abaixo breve síntese dos relatórios realizados.

Crianças e Jovens - Rio+20

A articulação de movimentos com iniciativas do público jovem, como o **Enlace das Juventudes** e o **Youth Blast**, mobilizou jovens do mundo todo, as vésperas e durante a Conferência Rio+20. Faltando tão pouco para o prazo final relativo ao cumprimento das metas do milênio traçadas pela ONU serem apresentadas nada mais prudente do que incluir em eventos de grande peso os que representarão futuramente e que mesmo agora representam e apresentam as mudanças necessárias para a possibilidade de vida em uma sociedade mais saudável. A Carta Final da Cúpula dos Povos, diz em parte:

“A transformação social exige convergências de ações, articulações e agendas a partir das resistências e alternativas contra hegemônicas ao sistema capitalista que estão em curso em todos os cantos do planeta.”¹

Transformação social certamente é uma ação precisa para que mudanças sejam realizadas. No entanto, essa transformação deve ser acompanhada de uma transformação de pensares. A partir desse fundamental ponto de partida, sim, podemos repensar em uma realidade na qual através das crianças e dos jovens que hoje ganham seu espaço, apesar de forma precária e lenta, nas questões políticas que afetam seu presente e indubitavelmente seu futuro, seja possível alcançar não apenas metas do milênio, como também *metas humanas*.

Os resultados relevantes da Rio+20 poderão ficar mais evidentes apenas com o passar do tempo, porém, apesar de não termos certeza de que todas as propostas contidas na Carta Final da Cúpula das Nações serão levadas a cabo, ao menos foi

¹ CFSC. *Declaração final Cúpula dos Povos na Rio+20 por Justiça Social e Ambiental - Em defesa dos bens comuns, contra a mercantilização da vida*, 2012. Disponível em <http://cupuladospovos.org.br/>

possível comprovar o quão grande se tornou o contingente de juventude que está ciente da situação ambiental e social global.

Durante esse período também participei, como ouvinte, do *Colóquio Transformações da Biopolítica* (www.pucsp.br/ecopolitica/eventos/coloquio.html).

Além de seminários, internos e públicos relacionados ao Projeto Temático FAPESP.

Sessões Públicas na *Dessemana da Faculdade de Ciências Sociais PUC-SP.*

26/10/2012 – *Punições de crianças e jovens*

30/10/2012 – *Arte e invenção da liberdade*

01/11/2012 – *Universidade e segurança*

Colóquio *Transformações da Biopolítica* (Nu-Sol/FAPESP/PUC-SP)

10/10/2012 - *Populações e ambientes*

10/10/2012 - *Biopolítica e segurança*

11/10/2012 - *Documentário Ecopolítica-Segurança*

11/12/2012 - *Resiliências e resistências*

11/12/2012 - *Regulações e ecopolítica*

Seminário

19/09/2012 – *Resiliências* (Salete Oliveira)

Eventos especiais

08/10/2012 – Aula-Teatro: *Saúde!*

2. Relatório Científico

Apresentação e Método de Pesquisa

Os sistemas de valores que são predominantes, assim como as práticas sociais relacionadas às formações e práticas que constituem formas da existência humana, expressam um poder negociado ou consentido.

A contínua complexidade da sociedade exige a invenção de novas formas de assegurar sua existência, assim o poder se rearticula em outras bases de sustentação. O poder é produtivo não apenas devido à sua capacidade civilizatória, mas também por ter esta capacidade de se apresentar em outras bases.

A presente pesquisa buscará através de análise de bases analíticas e históricas, com fundamentos na *genealogia do poder*, as formas pelas quais há a inserção e a manutenção do poder sobre corpos e imaginário de crianças.

Um dos métodos, corrente desde que se tem memória até os dias atuais, é o da utilização de contos e histórias, que passaram da forma narrativa e adentraram na literatura voltada para o público chamado infantil, com a finalidade de inculcar valores e regras impostas pela sociedade aos sujeitos e que os acompanham por toda a vida.

A análise de como surgiram essas histórias e contos, o contexto histórico no qual foram escritos, e os valores que cada uma objetiva reproduzir, será problematizado no decorrer deste relatório e da pesquisa.

Projeto Temático FAPESP & Iniciação Científica

O Projeto Temático *Governamentalidade planetária, novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle* têm como objetivo principal “situar a passagem da biopolítica - controle da vida da população - na sociedade disciplinar, para a ecopolítica - controle da vida do planeta - na sociedade de controle”².

Por sua vez, a presente pesquisa e o projeto se relacionam ao apresentar e dar visibilidade e compreensão as formas de controle da vida dos indivíduos desde a primeira infância. Tem como objetivo focar formas de controle e disciplina que são inseridos à cultura de cada sociedade. A implantação de tais padrões é explorada no período mais “fértil” da vida dos indivíduos - durante a infância. As histórias e contos infantis são um exemplo sutil, promissor e muito bem elaborado para a normalização e obediência a essa cultura produzida e inserida de cada sociedade.

A procedência dos contos de fadas e estórias infantis, quando analisadas, pode demonstrar seus sutis objetivos. A modificação e as adaptações que esses sofrem com o passar do tempo, devido à modificação e adaptação das regras já existentes nas sociedades, comprovam a sua importância.

Assim entender como o controle, no que diz respeito à educação, a moralização e a socialização, é inserido na vida de crianças, podem ajudar-nos a compreender as bases das sociedades em geral, além de prover uma melhor explicação do modelo da sociedade a qual fazemos parte.

² Citação retirada do site oficial do *Projeto Temático Governamentalidade planetária novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle*. Disponível em www.pucsp.br/ecopolitica/o_projeto.html

Introdução da Pesquisa

As histórias e contos infantis nada mais são do que formas de controle *divertidas e educativas* que inserem desde a mais tenra idade padrões de conduta e os resultados de segui-los ou não. Punição e recompensa: estes são os temas principais de todas essas histórias. Na infância a obediência é implantada, pela educação dos pais no núcleo familiar, mais tarde na escola e por meios mais sutis, como programas divertidos e educativos, histórias e contos de fadas. Estes últimos, sendo eficientes ferramentas de controle.

As impressões de certo e errado na infância ainda não são definidas, elas são com o tempo, construídas de acordo com os padrões da sociedade da qual se faz parte, e como nenhuma sociedade é igual, as regras no geral, excluindo é claro as regras universais, são diferentes. É interessante percebermos que essas regras universais tomam um significado muito forte conforme crescemos; se tornam tão fortes que ao sermos declarados como adultos parece-nos que as mesmas sempre fizeram parte de nós. Por que isso ou aquilo é errado? O que é justo ou injusto para mim é justo e injusto também para os demais ou essa é uma impressão só *minha*?

Ao analisarmos questões como essa é que nos apercebemos de quão eficazes são os meios de formação utilizados pela sociedade de controle. Todas as sociedades possuem histórias que contam sua própria história e que explicam seus costumes e crenças. São por esses meios que se explica a uma criança porque se deve obedecer, porque ser ganancioso ou mentiroso é prejudicial e assim por diante; porque apesar dessas histórias serem diferentes, no fundo o âmago das questões, os verdadeiros objetivos de todas elas, são os mesmos.

Por essa razão ao as analisarmos percebemos um mesmo contexto: o bem sempre vence o mal; a verdade sempre aparece; os maus sempre são castigados, para mocinha ou mocinho serem felizes, ambos devem se casar, ir para seu reino justo e continuar reinando com justiça para poderem receber sua recompensa: serem felizes para sempre. Mas o que vem antes do “Era uma vez”, o que vem depois do “E viveram felizes para sempre”?

Era uma vez - Onde tudo começou?

A procedência dos contos de fada/infantis é imprecisa, devido a sua primeira forma ter sido em narrativa. Surgiram primeiramente como manifestação cultural de cunho popular, alimentada por narrativas de casos, temores, sonhos e cultura de cada povo – o que inclui construção e por sua vez, a propagação de normas de conduta e moral.

Esse cunho popular torna visível a razão de os heróis das narrativas estarem, em geral, em situação de inferioridade no que se refere a sua própria realidade, condição, porém, superada através do auxílio de elementos ou criaturas mágicas.

A passagem entre a oralidade ao texto escrito dos contos, destinada às crianças é assinalada pela inclusão da moralidade e formação de caráter ético. A noção de família nuclear, que surge com a ascensão da burguesia no século XVIII, passa a valorizar a infância, fase há pouco constituída, enquanto etapa que merece a atenção dos educadores, justamente por ser uma fase existencial propícia à aquisição de hábitos e formação do futuro adulto.

Surge a necessidade de investimento na educação como forma de preparar o sujeito para a vida adulta, e a literatura chamada infantil, com propósito de atender a imposição da burguesia, que visualiza a necessidade do grande número de trabalhadores - que passam a ser necessários com as revoluções que consolidaram o capitalismo industrial - terem ao menos o mínimo de instrução para acionar a produção fabril dependentes de técnicas de leitura, escrita, contagem e cálculos elementares.

Pode-se encontrar em determinados contos, afinidade com os ritos iniciáticos de povos primitivos, nos quais o iniciado submete-se a diversas provas cuja superação atesta seu amadurecimento. Há ainda estudiosos que acreditam que os contos provieram de mitos dessacralizados, mas devido ao contraste entre os mitos e os contos, existem controvérsias quanto a isso.

Não se pode negar, entretanto, as similitudes entre os mitos e os contos, como por exemplo, a influência que ambos recebem das civilizações em que surgiram e o desafio em identificá-los no tempo e espaço. Em ambos podem-se identificar elementos mágicos e/ou sobrenaturais, além da presença do sagrado.

Sua procedência imprecisa dificulta a precisão quanto à cultura e temporalidade dos contos, já que os mesmos se referem a uma realidade e universo incomuns, com

elementos extraídos da realidade trivial aos seres humanos, como família, desejos pobreza e etc.

Foi no século XVII, com Charles Perrault, que os contos de fadas deixaram de ser apenas narrativas orais e se tornaram literatura. Naquela época, nascia na corte francesa à noção de *civilité* e os bons modos passaram a ser valorizados. Perrault, após ouvir as histórias de contadores populares, as adaptava ao gosto da corte e acrescentava ricos detalhes descritivos, bem como também diminuiu trechos que faziam referência a rituais da cultura pagã popular ou a sexualidade humana, já que o contexto histórico que permeava sua época era o de conflitos religiosos entre católicos e protestantes durante a contra reforma católica. Uma vez que suas versões tinham como intuito a instrução moral para as crianças ao final de cada narrativa, sob a forma de versos, adicionava uma à moral da história.

Jacob e Wilhem Grimm – os Irmãos Grimm - autores alemães, que vieram de um ambiente rural e vivenciaram a ocupação napoleônica do século XIX, registraram suas histórias nas versões originais, sem as adaptações e lições morais de Perrault. De acordo com alguns estudiosos, os Irmãos Grimm tiveram como interesse inicial, ao produzir tais versões dos contos, o estudo da língua alemã e o registro de seu folclore, de modo a recuperar a realidade histórica do país. Para o contexto da França no qual Perrault inseriu suas versões dos contos, o conceito de *civilité* era fundamental. No caso dos Irmãos Grimm, a questão fundamental não é essa; a Alemanha do início do século XIX não havia sido completamente unificada e em um movimento para unificar a cultura e o povo através dos discursos e hábitos populares, criam suas vertentes mais *realistas* (alguns podem dizer violentas) dos contos populares.

Apesar de suas diferenças, tanto Perrault quanto os Irmãos Grimm, dirigem as histórias para as crianças com um objetivo muito claro: estipular regras de comportamento. Suas versões de contos fantásticos nada mais são do que escritos para adultos traduzidos em uma linguagem para crianças. O interesse era através desses, infundir a realidade de sua sociedade a esses futuros adultos. No caso de Perrault, a realidade da corte francesa, com todos seus valores típicos (casamentos arranjados e outros tipos de acordos políticos etc), e no caso dos Irmãos Grimm, com uma realidade que apresenta a busca por uma legitimidade para o que as pessoas no campo estão vivenciando, ou seja, uma realidade nada bonita e violenta.

Hans Christian Andersen, também transcreveu algumas histórias, mas foi, além de contador, um inventor de estórias. Estórias essas que por conta da própria história de

vida, não muito bem-sucedida de Anderson (órfão de pai, com mãe alcoólatra), nem sempre tinham percursos e/ou finais felizes, mas que não deixaram de ser considerados, contos de fadas, pela magia que as envolve. Andersen inaugurou uma nova forma de contar histórias, nas quais os heróis e heroínas não são príncipes ou princesas, mas sim, as próprias crianças. Essa tendência foi a provável precursora para as histórias fantásticas como as de Charles Lutwidge Dodgson (Lewis Carroll), e as aventuras de Carlo Collodi, assim como de outros autores.

A construção da infância

De uma forma lógica, associamos a infância diretamente às crianças, mas como comentado brevemente anteriormente, o conceito de infância, entretanto, é muito mais moderno do que, em termos gerais, se é conhecido.

A infância em seu conceito e caracterização ganhou espaço na sociedade, a partir do século XVI, antes disso ocorrem nenhum ou poucos vestígios de documentos nos quais crianças sejam citadas, ou que sugiram algo a respeito de sua infância. Por meio de análises nota-se que registros históricos sobre a infância surgiram apenas na Idade Moderna.

As crianças até então, eram consideradas incapazes e insignificantes, apenas mais um contingente misturado ao restante da sociedade, considerando-se mesmo o contexto núcleo-familiar.

“A aparição da infância ocorreu em torno do século XIII e XIV, mas os sinais de sua evolução tornaram-se claras e evidentes, no continente europeu, entre os séculos XVI e XVII no momento em que a estrutura social vigente (Mercantilismo) provocou uma alteração nos sentimentos e nas relações frente à infância.” (Carvalho, 2003: 47).

Visto serem incapacitadas, de acordo com a visão da sociedade, as crianças deveriam ser guiadas pelos adultos, pelo menos até que o período mais frágil da vida tivesse passado e os mesmos pudessem ser inseridos no contexto geral da sociedade, até que seu potencial como força de trabalho pudesse ser totalmente explorado.

Essa primeira fase de fragilidade era curta durante a Idade Média, a *infância*, acabava precocemente. Neste contexto podemos visualizar então, o surgimento da miniatura do adulto iniciando na vida em sociedade - deixando de ser um *alguém sem* identidade ou existência relevante, para mais um a ser incluído no aglomerado necessário ao giro de capital humano.

“De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje.” (Ariès, 2006: 9).

A falta de interesse para com as crianças se delongou por séculos, até que esse sentimento de insignificância fosse dissociado a imagem. Somente a partir do século XVI houve progresso quanto à visibilidade, atenção e ganho de espaço das crianças ao contexto social, fato que inclusive repercutiu na queda do índice de mortalidade infantil.

“A criança é uma invenção recente nesse universo, enquanto personagem central da organização da família (...)” (Redin, 1998: 15).

A infância, portanto, não é um elemento natural, mas uma construção social/política, que se torna cenário de um fenômeno universal no qual a criança é introduzida e passa a adequar sua linguagem, hábitos, costumes e regras da sociedade na qual se desenvolve e na cultura a qual pertence.

Governo das Condutas

Os contos de fadas e as estórias infantis, em geral, não são localizados no tempo ou espaço, assim poderiam ter ocorrido em qualquer lugar e em qualquer época, e esse é mais um dos aspectos que fazem com que eles tomem caráter universal.

Em alguns existem fadas madrinhãs representantes do bem, assim como criaturas mágicas do mal. Há os personagens que buscam sua felicidade, sofrem injustiças, que lutam contra o mal que os persegue e prejudica e recebem sua recompensa; assim como há em contrapartida as bruxas, as madrastas (que passam a carregar o estereótipo de maldade) e diferentes criaturas do mal, que prejudicam e tentam destruir a felicidade dos bons e que mais tarde sempre recebem o castigo por suas ações.

Além da aparição de criaturas espirituais com as quais as crianças se identificam ou passam a temer, há também a busca e luta por algo, que seja a pessoa amada, um objeto perdido ou enfim, algo que trará ou devolverá a felicidade a quem a procura. Por esse meio vemos então a introdução de um reino espiritual na vida das crianças, além da importância da luta, pelo que se deseja.

Stirner aponta a procedência do guerreiro na criança, a expressão da criança é o terreno, é o que ela vê e pode ter. Nessa questão de poder *ter*, é interessante notar o diferencial da fase adulta, na qual a luta muitas vezes é por algo que não se conhece ou entende e que mal tem valor para quem luta por ela. A criança luta por um objeto, por algo palpável que para ela no momento é importante obter. Essa luta não envolve nada espiritual ou divino, envolve apenas o objeto desejado, a luta e a conquista.

Nesse ponto, os contos e estórias reforçam algo que já existe no espírito da criança, e por outro lado, introduzem a questão da *espiritualidade*, já introduzida anteriormente pelas outras instituições as quais a criança se encontra inserida e *dominada*, assim como abordado por Stirner no trecho a seguir:

Deus, a imortalidade, a liberdade, o humanitarismo, etc., são-nos insuflados desde a infância como ideias e sentimentos que, de modo mais forte ou mais leve, atingem a nossa interioridade e, ou nos dominam inconscientemente, ou, em naturezas mais ricas, se exprimem em sistemas e obras de arte; mas trata-se sempre de sentimentos impostos, não despertados em nós, porque neles acreditamos e deles dependemos. (Stirner, 2004: 57)

No primeiro encontro que tem com a lagarta, Alice é indagada: “Quem és tu? – (Carrol, 2000: 61)

Se essa pergunta é feita a qualquer um, a resposta é nome e sobrenome (indica instituição família a que se pertence), profissão ou ocupação (indica seu papel na instituição Estado), onde moramos (indica a comunidade a qual se pertence) e assim por diante, porque todas essas são as instituições que fazem de nós quem somos.

Tal fato é uma das evidências que demonstram o controle que é exercido sobre um indivíduo. Apesar de Foucault afirmar que há certa positividade no controle dessas instituições (uma vez que certas instituições podem nos proporcionar o bem), afirma também, as restrições a nós impostas por parâmetros de bem e mal como o problema do homem.

Pelos padrões e pelas normas de moral, pelo controle constante, que as crianças passam da infância e são encaminhadas para a vida adulta. Os contos e histórias são apenas mais um dos infindáveis meios de propagar tal controle. Como os mitos, essas estórias e contos são passados de geração em geração, e apesar de haver algumas modificações nos mesmos - já que as regras e normas também podem se modificar com o passar do tempo - sua existência e preservação são sempre em prol dos mesmos objetivos: educar, disciplinar e moralizar de acordo com a especificidade da sociedade em questão.

O artigo 4, do Título I do Estatuto da Criança e do Adolescente diz:

“É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.”³

O conceito moderno que é a infância passou a ocupar diversos espaços sociais – da mídia e da medicina ao consumo e literatura, entre vários outros, de forma que sua existência perpassa processos de acumulação de saberes sobre o corpo, o desenvolvimento, as capacidades, as vontades, as tendências, potências infantis que, por sua vez, imbricam em mecanismos de poder, cujo resultado é a produção de uma infância governada, segundo normativas da sociedade.

Ocorreram mudanças nas relações entre adultos e crianças. A modernidade reprimiu a liberdade da criança em falar e expressar-se livremente, a disciplina produziu

³ PREFEITURA DE SÃO PAULO. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.

corpos dóceis não por efeito da supressão de uma individualidade, mas por mecanismos que agora não parecem mais tão úteis à individualização dos corpos infantis.

“A multidão, massa compacta, local de múltiplas trocas, individualidades que se fundem, efeito coletivo, é abolida em proveito de uma coleção de individualidades separadas.” (Foucault, 2011: 190)

As culturas humanas produziram e prosseguem produzindo significações para cada uma das etapas da existência do homem, regras de conduta são institucionalizadas para as diferentes fases da vida e passaram a ser expressas através do desempenho de papéis sociais. Aquilo que se diz sobre a infância hoje e o que a criança diz da infância pode servir para mostrar os pontos pelos quais passa o exercício do poder.

“Uma sujeição real nasce mecanicamente de uma relação fictícia. De modo que não é necessário recorrer à força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação, o doente à observância das receitas.” (Foucault, 2011: 192)

Ao falar das instituições panópticas, Foucault, inclui entre elas a escola. Na atualidade, a escola, embora por muito tempo ignore as diferenciações de idade, se concentra na disciplina, que tem uma gênese religiosa e extremamente rígida, com códigos de conduta, que em muito, se aproximam dos existentes nas prisões. Grade curricular, disciplinas, rigor de horário de entrada/ saída, disposição espacial, medidas punitivas, entre outros exemplos, mostram a aproximação dessas instituições.

A escola deixa de ser um ”privilégio” das classes dominantes e passa a ser um direito garantido á criança e ao adolescente e um dever do Estado. Desde a primeira infância, essa instituição amplamente burocrática, age como um dos principais agentes de socialização, que se dá pela subordinação e pela inserção de valores compatíveis com a futura posição nas divisões técnica e social do trabalho que cada indivíduo ocupará.

“(…) no século XIX a expansão da técnica e a ampliação da divisão do trabalho, com o desenvolvimento do capitalismo, levam à necessidade da universalização do saber ler, escrever e contar. A educação já não constitui ocupação ociosa e sim uma fábrica de homens utilizáveis e adaptáveis. Hoje em dia, a preocupação maior da educação consiste em formar indivíduos cada vez mais adaptados ao seu local de trabalho, capacitados, porém, a modificar o seu comportamento em função das mutações sociais” (Tragtenberg,198: 15)

Ao retomarmos a Foucault, notamos que são os efeitos do poder que nos atravessa, desde crianças e que tomam a função de formar e domar nossos corpos, saberes, deveres e desejos nos sujeita à sociedade. Como explicou Foucault os micropoderes

“(...) encontram-se disseminados por todo o corpo social, assumindo as formas regionais e concretas, investindo em instituições, penetrando na vida cotidiana das pessoas e atingindo nas suas mais tênues extremidades o corpo dos indivíduos, realizando sobre ele um controle detalhado de gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos.” (Foucault, 1979: 149-150)

Análise dos Contos

A seleção dos contos analisados e os ainda a serem analisados foi realizada de acordo com as impressões do pesquisador referente aos objetivos da pesquisa e melhor maneira de explanar a proposta da mesma.

Contos analisados durante primeira etapa da pesquisa:

- As Aventuras de Pinóquio - Carlo Collodi
- Alice no país das Maravilhas - Charles Lutwidge Dodgson (Lewis Carroll)
- Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá - Charles Lutwidge Dodgson (Lewis Carroll)
- Peter e Wendy - James Matthew Barrie

Contos a serem analisados:

- João e Maria - Irmãos Grimm
- Branca de Neve - Irmãos Grimm
- Chapeuzinho Vermelho - Charles Perrault & Irmãos Grimm (versões próximas)
- A Bela e a Fera - Jeanne-Marie Le Prince de Beaumont
- O Patinho Feio - Hans Christian Andersen
- A Pequena Sereia - Hans Christian Andersen
- O Livro da Selva (Mogli o Menino Lobo) - Rudyard Kipling

Visto que uma análise posterior dos contos pode indicar incompatibilidade com a proposta da pesquisa, pode haver alterações (exclusões/inclusões) referentes aos contos selecionados.

Sê tu mesmo! – *Ser humano*

Humano é uma palavra com origem no latim *humanus* e designa o que é relativo ao Homem como espécie. A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), em seu Artigo VI declara que,

“Todo ser humano tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei.”⁴

O homem da Declaração dos direitos humanos é uma pessoa e, como tal deve ser tratado pela lei. Saber o que é ser uma *pessoa* é um dos problemas fundamentais da metafísica, a resposta a esta pergunta geralmente se associa à identificação de determinadas características ou propriedades atribuídas tipicamente à pessoa (racionalidade, domínio de linguagem, consciência de si e dos outros, controle e capacidade para agir e etc), em contraste com outras formas de vida.

“Em nossa cultura, o homem (...) sempre fora o resultado de uma divisão e, também, de uma articulação do animal e do humano, em que um dos dois termos da operação era, ainda, posto em jogo.” (Agamben, 2002, p. 94)

Para Kant os seres humanos ocupam um lugar especial na criação, possuem um valor intrínseco, isto é, dignidade, o que os torna valiosos acima de tudo. Kant destacou a diferenciação dos seres humanos a outros animais, pela sua capacidade racional.

“(…) para indicar a classe do ser humano diferente de toda a natureza viva, nada mais nos resta afirmar que ele tem um caráter que ele cria a si mesmo enquanto é capaz de se aperfeiçoar segundo os fins que ele mesmo assume; por meio disso, ele, como animal dotado de faculdade da razão (animal *rationabile*), pode fazer de si um animal racional (animal *rationale*); - nisso ele, primeiro, conserva a si mesmo e a sua espécie; segundo, a exercita, instrui e educa para a sociedade doméstica; terceiro, a governa como um todo sistemático (ordenado segundo princípios da razão) próprio para a sociedade” (Kant, 1902: 321-322).

Existem diversas definições do que se trata ser *ser humano* ou *pessoa*. Podemos tomar como exemplo, John Locke, que estabelece a distinção entre homem, substância e pessoa e Friedrich Nietzsche, que define o homem como ser que avalia e que produz valores.

Os gregos possuíam duas palavras para dizer o que é a vida: *bios politikos*, que designava uma forma de vida propriamente política e *zoé* que designava o mero fato de

⁴ ONU. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, 1948. Disponível em http://www.pucsp.br/ecopolitica/projetos_fluxos/projeto_ecopolitica.html

viver, comum a deuses, homens e animais. Aristóteles diferenciava *bios* – que se refere à ordem dos modos de viver atribuída a uma existência no interior da pólis.

“O homem, durante milênios, permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivo e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal, em cuja política, sua vida de ser vivo está em questão.” (Foucault, 2006: 156)

De Nietzsche a Deleuze, passando por Foucault, o humano não é senão uma forma que se constitui no produto de seu relacionamento, com certas forças. O que nos torna *seres humanos*? Essa é a questão que percorre as aventuras de Pinóquio.

Pinóquio, o Grilo Falante e a Consciência

A história original de Pinóquio – com o título de *História de um boneco* - foi escrita em formato de folhetim por Carlo Lorenzini, conhecido pelo pseudônimo Carlo Collodi, entre os anos de 1881 e 1883, na Itália. A obra nasce no momento que a Itália precisava se reconstruir enquanto nação, incorporando nos italianos os valores de cidadania.

Após ter sido reunida em livro, o nome adotado foi o que conhecemos hoje, apenas *Pinóquio*, ou *As aventuras de Pinóquio* para algumas versões. Desde então tem sido traduzida para os mais diversos idiomas. Sua adaptação mais conhecida é a datada de 1940, realizada pela Walt Disney.

A história começa com um pedaço de lenha, que seria jogado a lareira de Mestre Cereja, para aquecer sua casa. Ao não conseguir se desfazer do pedaço de lenha, que ria e debochava dele, Mestre Cereja o presenteia a seu amigo Gepeto que planejava criar com o mesmo, uma marionete que soubesse dançar, esgrimir, dar saltos mortais etc. Após ganhar vida nas mãos de Gepeto, a marionete ganha o mundo, recusa-se a ir à escola, e vive grandes aventuras até reconhecer que os apelos de seu pai, do grilo-falante e da fada azul, precisavam ser ouvidos, para que seu sonho de se tornar um menino de verdade pudesse se realizar.

A vida de Pinóquio é tecida por uma forte tensão entre o que ele deseja, consegue e o que pode fazer. Cada vez que esse boneco mente crescem-lhe o nariz e as orelhas de burro como castigo, assim as suas transgressões ficam aparentes a todos. Por não ser humano, Pinóquio não é dotado de *consciência*, por essa razão o Grilo Falante substitui a consciência ainda não despertada e desenvolvida do boneco e lhe indica o que é *certo* a ser feito. Uma de suas aventuras (na qual é engolido por uma baleia e a qual nos remete a história bíblica de Jonas) se torna decisiva, pois concede a ele, tempo para *meditar* e decidir mudar seu modo de pensar e ações e assim ser merecedor da realização de seus desejos. Só depois disso, quando Pinóquio aprende a fazer uso de *sua própria consciência* é que lhe é concedido seu desejo.

Vemos nesse conto peças chaves: a consciência do indivíduo só está correta quando está *programada* de acordo com as regras e padrões que a sociedade impõe e que existem apenas para o seu *bem*, se sua consciência ainda não está desenvolvida é preciso que você seja conduzido a fazer o certo, é preciso que você tenha instrução, que lhe seja apresentado o *caminho certo a seguir* até que você, através de reflexão, consiga

perceber que se seu proceder não for o *correto*, e se esse proceder não for corrigido, o mesmo poderá e irá lhe trazer conseqüências, visíveis não só a você, mas a todos os demais, assim como era no caso de Pinóquio com seu grande nariz e orelhas.

Assim ao tomar conhecimento disso, o individuo se dá conta que *precisa* ser guiado até que se emancipe e venha a ser uma pessoa de bom juízo, reconhecida por todos como tal.

Conforme Sócrates para nos tornarmos humanos, é necessário que nos libertemos de nosso criador - assim como Pinóquio precisou fazer quanto a Gepeto - para aprendermos quais são as *virtudes humanizantes*. Ser assim conhecido era o equivalente de ser humano para Pinóquio.

Em *O único e sua propriedade* Max Stirner aponta uma questão:

“Quem é que, de forma mais ou menos consciente, nunca reparou que toda a nossa educação está orientada no sentido de produzir em nós sentimentos, ou seja, de nos impor, em vez de nos deixar a iniciativa de os produzir, quaisquer que eles sejam?” (Stirner, 2004: 58)

Nessa mesma obra Stirner faz uma análise bem oportuna a respeito da *natureza* da criança e depois a forma que as mesmas são educadas. Aponta que na infância prevalece em nosso espírito a coragem e a teimosia, na infância “queremos descobrir a razão de ser das coisas, ou o que se esconde «por detrás delas»” (Stirner, 2004: 15).

"A partir do momento em que vê a luz do mundo, um ser humano busca encontrar-se: conquistar-se a si próprio no meio da confusão em que, com tudo o que há nesse mundo, se vê lançado sem orientação. Mas, por outro lado, tudo aquilo com que a criança contacta se rebela contra suas intervenções e afirma a sua própria existência. Assim sendo, e porque tudo está centrado em si mesmo e ao mesmo tempo entra em colisão com tudo o resto, a luta pela auto-afirmação é inevitável. Vencer ou sucumbir - entre estas duas possibilidades oscila o desfecho da luta: "o vencedor será senhor, o vencido súbdito: aquele exerce a soberania e os «direitos de soberania», este cumpre, com respeito e reverência, os seus «deveres de súbdito». Mas os dois são *inimigos*, e estão sempre alerta, atentos às *fraquezas* do outro: as crianças em relação aos pais, os pais em relação aos filhos (por exemplo, ao seu medo), e ou o bastão vence o homem, ou o homem vence o bastão.” (Stirner, 2004: 15).

Apesar de nascermos humanos biologicamente, é somente na aprendizagem e nas escolhas que fazemos, ou que nos são impostas, é que nos construídos como humanos e sendo reconhecidos como tal.

No decorrer de nosso desenvolvimento, nossa busca por interesses é substituída pela busca de ideias, ideais que não são nossos; também, sentimentos que não nos

pertencem são conferidos a nós, e com imposição sobre imposição, com a transformação de nosso *espírito*, somos declarados adultos.

Uma vez que, idéia de *certo* e *errado* para as crianças ainda não é algo definido, o sagrado não tem valor nem significado e por isso *amansar* o espírito desse indivíduo ainda em desenvolvimento, se torna mais fácil. Torna-se mais fácil construir as verdades, nas quais esse indivíduo baseará todo seu modo de ser, pensar e agir.

“(…) com a mesma necessidade com que uma árvore dá seus frutos, crescem em nós nossos pensamentos, nossos valores, nossos sins e nãoos e ses e quês - aparentados e referidos todos eles entre si e testemunhas de uma única vontade, de uma única saúde, de um único terreno, de um único sol. - Se agradam ao vosso paladar, esses nossos frutos? Mas que importa isso às árvores!” (Nietzsche, 1998: 8)

Sendo adultos, adquirimos hábitos, e o principal hábito que nos é imposto, juntamente com nossa maioria e com nossa responsabilidade, é a moral. A moral vem acompanhada do princípio do sagrado, que com o tempo passamos a confundir com nossa própria consciência. Diante desse sagrado perdemos o anterior espírito de coragem e ousadia que tínhamos quando crianças e perdemos *a sensação de poder*, pois começamos a agir *moralmente*.

O amansamento de nosso corpo e espírito quando ainda somos crianças, nos faz adquirir as *virtudes* que até então foram atreladas a idéia de sermos humanos. Se assim for, será que realmente temos a resposta do que é *ser humano*? *Ser humano* é apenas seguir o rebanho e nos conformar com a realidade e verdades construídas nas quais baseamos a nossa identidade? *Ser humano*, afinal, não é ser único? Há que se pensar.

“(…) o divino é a causa de Deus, o humano a causa «do homem». A minha causa não é nem o divino nem o humano, não é o verdadeiro, o bom, o justo, o livre, etc., mas exclusivamente o que é meu. E esta não é uma causa universal, mas sim... única, tal como eu. Para mim, nada está acima de mim!” (Stirner, 2004: 11).

Quem és tu?

Em 1862, Charles Lutwidge Dodgson - conhecido por seu pseudônimo Lewis Carroll – durante um passeio inventou um conto para distrair as 3 irmãs Liddell, esse conto se tornou uma das mais famosas histórias do mundo, que conta as aventuras de uma menina que ao seguir um coelho branco, se vê em um mundo maravilhoso e diferente de tudo o que ela jamais havia visto.

A história de *Alice no País das Maravilhas* e sua continuação – *Alice no país do espelho* foi publicada apenas em 1864 após ser editada e receber novos personagens na trama da história.

A primeira edição foi um fenômeno no Reino Unido, com fãs célebres como a Rainha Victória e o jovem Oscar Wilde. O conto foi traduzido para 97 línguas diferentes, e ganhou mais de 100 edições. Em 1903, a história ganhou sua primeira adaptação cinematográfica, a mais recente adaptação foi realizada em 2010.

O livro se revela, em sua essência, uma crítica à condição do indivíduo de sua época, sufocado por inúmeras exigências e regras sociais, de acordo com Anthony Burgess (1996),

“(...) o contexto histórico em que está inserido o autor Lewis Carroll é um período de grandes avanços nos campos científico e tecnológico, bem como do surgimento de diferentes formas do pensamento filosófico, como o positivismo e o evolucionismo, ao mesmo tempo em que é uma época de moralidade rígida, puritana, que traçou um comportamento social marcado pelo radicalismo (...)” (Burgess, 1996: 115)

Há muitas controvérsias e polêmicas acerca da história de Alice e o mundo maravilhoso que conheceu, como por exemplo, o consumo de drogas alucinógenas; e há também especulações a respeito de seu autor. Carroll afirmou não ter escrito a história baseado em personagens reais, entretanto existem certas coincidências quanto à personagem principal de sua narrativa ser e a pequena Alice Liddell.

A Alice da vida real era filha de uma família abastada de Oxford e Lewis Carroll era um amigo da família e com frequência levava as crianças em passeios e piqueniques, nos quais as distraía com contos fantásticos. As especulações a respeito do autor giram em torno de seu relacionamento com crianças, em especial com Alice, mas muitas delas foram descartadas.

Alguns biógrafos de Lewis Carroll retrataram o autor como pedófilo, porém há também muitos autores modernos que contestam essa alegação, e afirmam que o autor foi mal interpretado, devido a alguns de seus hábitos/passatempos, como por exemplo,

fotografar crianças seminuas, que segundo os que defendem Carrol, era algo dentro da moda na Inglaterra durante o período vitoriano. Sendo ou não mal interpretado, a falta de referências quanto o assunto inocenta o autor.

Passatempos do autor a parte, as aventuras de Alice podem trazer várias interpretações e pensares, mas um tema que chama a atenção na trama é a mudança que ocorre com a personagem durante narrativa. O que leva Alice ao país das maravilhas é a curiosidade, algo comum na infância. Seu questionamento sobre o país das maravilhas em comparação ao mundo em que ela vive a conduta dos habitantes desse mundo, e principal e fundamentalmente, seu questionamento quanto a sua identidade são o fundamento de sua aventura.

“Ai, meu Deus! Como tudo está esquisito hoje! E pensar que ontem tudo estava normal. Será que eu mudei durante a noite? Vamos ver: eu era a mesma quando me levantei esta manhã? Estou quase me recordando que me sentia um pouquinho diferente. Mas, se eu não sou mais a mesma, a pergunta é: ‘Quem afinal eu sou’? Ah, aí é que está o problema!” E começou a pensar em todas as meninas que conhecia e que tinham a sua idade, para ver se teria se transformado em alguma delas.” (Carrol, 2000: 30)

A sociedade na qual a personagem está inserida, como já mencionado, era guiada por uma moral rígida, e esperava-se das crianças uma conduta adulta de comportamento. A pressão dessa sociedade era repassada dos pais para as crianças, que, logo no início da vida, já eram expostas a um dogmatismo moral – o jogo das aparências e de soterramento das próprias vontades era o esperado por essa sociedade.

Hoje, vivemos em uma sociedade não muito diferente da sociedade de Alice. Podemos dizer, que o que mudou, foi apenas o *modus operandi*. Como ela, somos obrigados a reprimir nossas vontades e assim o que realmente somos e até quem gostaríamos de ser, para podermos fazer parte da sociedade e sermos considerados normais. Nessa tentativa de fazer parte do todo, acabamos por desconsiderar e matar nossa própria identidade.

A tentativa de ocupação de si para consigo mesmo, nunca foi uma tarefa fácil, essa tarefa que os gregos tinham como essencial ao sujeito – a avaliação de seu *ethós* - como observou Nietzsche, se tornou uma ofensa frente à sociedade e em frente à vida comum. A problemática entre, conhecer e governar a si ou ser submisso a vontade da maioria é tão antiga quanto à busca da felicidade.

“A pressa é geral, porque todos querem escapar de si mesmos; geral é também a dissimulação tímida dessa pressa, porque queremos parecer satisfeitos; geral ainda é a necessidade de ornar a vida com novas

explosões verbais, a fim de cercá-la com a confusão barulhenta de um parque de diversões. Todos conhecem esse estranho estado no qual afluem subitamente lembranças desagradáveis que nos esforçamos em expulsar de nosso espírito por meio de uma gesticulação violenta e gritos. Mas os gestos e os gritos da vida universal deixam pressentir que nos encontramos todos com medo de nos lembrar e de entrar em nós mesmos. Qual é o mosquito que não nos deixa dormir? Vivemos num mundo assombrado, cada instante da vida tem algo a nos dizer, mas nos recusamos a escutar essas vozes irrealis. Na solidão e no silêncio, temos medo que um cochicho fira nossos ouvidos, por isso odiamos o silêncio e procuramos nos aturdir por meio da vida em sociedade." (Nietzsche, 2008: 63)

A pergunta que cabe então é: no lugar de Alice seríamos capazes de responder a pergunta da Lagarta: Quem és tu?

Alice no confuso País das Maravilhas

Alice no país das maravilhas é uma história cheia de significados ocultos e criaturas maravilhosas, mas o ponto intrigante é o porquê da pequena Alice ir parar em um país tão estranho.

Alice é mais uma criança que precisa demonstrar um comportamento já adulto, de acordo com as condições impostas pela sociedade à qual ela faz parte. Essa exigência era como que uma preparação para o que seria cobrado na vida adulta.

Na vida adulta, responsabilidades, deveres e direitos que a maioria impõe são pressupostos. Segundo Sebastián Faure “a criança é efeito do meio em que ela vive” (Faure, 1910: 26-27), sendo assim nada mais razoável do que desde a infância manipular o meio no qual os indivíduos vivem para, premeditar, por assim dizer, o adulto que deve se tornar. As instituições base - tais como a família e a escola - são essenciais fundamentais para essa preparação.

Tendo isso em conta, uma breve análise da instituição escola torna-se propícia. A função reconhecida pela escola é de formar o indivíduo para que mais tarde, o mesmo devolva à sociedade, por meio de seu trabalho, todo o conhecimento que adquiriu durante seu período estudantil a favor do desenvolvimento e aprimoramento da mesma.

Fora do âmbito familiar, a escola é o ambiente no qual a criança aprende antes de tudo a obedecer; obedecer a hierarquias dentro e fora da sala de aula; a obedecer a horários e prazos; aprende a louvar e obedecer a sua pátria, isso através do conhecimento de sua história e dos muitos que mudaram essa história.

Além dessa proposta, a escola assim como a prisão tem a função de exercer vigilância, proposta cumprida desde sua infraestrutura e organização até o conteúdo administrado em cada aula.

De acordo com Foucault, o indivíduo é produto das relações de poder na sociedade e de suas instituições. Nas instituições o indivíduo é fabricado, e uma vez que a sociedade é sua produtora, também é responsável por seu controle, desde o nascimento até a sua morte.

Em “Vigiar em Punir” logo no início do capítulo dedicado à análise da instituição prisão, Michel Foucault diz o seguinte:

“A forma prisão preexiste á sua utilização sistemática nas leis-penais. Ela se constituiu fora do aparelho judiciário, quando se elaboraram, por todo o corpo social, os processos para repartir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los, tirar dele o máximo de tempo e o máximo de forças, treinar seus corpos, codificar seu comportamento contínuo, mantê-los numa

visibilidade sem lacuna, formar em torno deles um aparelho completo de observação, registro e notações, constituir sobre eles um saber que se acumula e se centraliza.” (Foucault, 2011: 217)

Foucault não criou uma teoria de poder, por outro lado, identificou como os sujeitos atuam sobre os outros sujeitos. De acordo com sua análise, existe um triângulo no qual o poder, direito e verdade se encontram em seus vértices. O poder como direito, através da sociedade se coloca e se movimenta, assim sendo, se há um rei (governo), há também os súditos (governados); se há leis que operam, há também os que as determinam e os que devem obediência. O poder como verdade é instituído, por discursos e movimentos acometidos por essa organização ou mecanismo de controle e disciplina.

“para assinalar simplesmente, não o próprio mecanismo da relação entre poder, direito e verdade, mas a intensidade da relação e sua constância, digamos isto: somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar, temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou encontrá-la.” (Foucault, 1999:29)

As relações de poder se tornam observáveis através da disciplina e é por meio dela que essas relações são estabelecidas. O pretense governo de si (a moral), o governo de Estado (a política), e o governo da família (a economia) permitem que o equilíbrio entre as conjunturas nas quais a sociedade é baseada - a moral, a economia e a política – e a encaminham para seu *bem*.

Ao cair na toca do Coelho, Alice vai parar em um mundo onde fragmentos de sua realidade e de seu imaginário se misturam e onde talvez ela encontre as respostas das quais precisa, como por exemplo, a resposta da famosa e antiga pergunta “Quem sou eu?”.

Para que ela encontre essa resposta, primeiramente, Alice precisa retomar sua própria essência, após as transformações sofridas, encontros e experiências que ela vivencia na toca do Coelho, longe da família, da escola e das atividades de seu padronizado e rígido cotidiano. A *verdade*, o *errado* e a questão de *ser*, são questões com respostas aceitas de formas diferentes em ambos os mundos conhecidos por Alice – o mundo real e o País das maravilhas – tudo se trata em base da construção de verdades de cada um, afinal, a verdade é um valor de construção humana, propenso à interpretação.

Alice vai parar no País das maravilhas, porque ela começa a se aborrecer com seu cotidiano e segue o Coelho Branco a fim de fugir de sua realidade, ela foge do padrão infantil imposto; mas ao final da narrativa Alice acorda de seu sonho e pensa que ele foi absurdo, esquisito e maravilhoso demais.

Novas perguntas surgem dessa reflexão: Será que o que nos falta para desvendarmos quem somos não é esse aborrecimento de não encontrarmos a nossa identidade devido às amarras com que vivemos? Será que se desvendássemos essa, e ainda outras respostas, seríamos capazes de lidar com elas, ou assim como Alice, ao sair da toca do coelho simplesmente acordaríamos de um sonho que pareceu absurdo demais?

A Terra do Nunca

A peça Peter Pan, ou com o título original *The Boy Who Would Not Grow Up* estreou em Londres em 27 de dezembro de 1904 e foi um sucesso imediato. Seu autor James Matthew Barrie, publicou o trecho de *Little White Bird* dedicado a Peter Pan em um volume intitulado *Peter Pan em Kensington Gardens*, em 1906, e depois transformou aquela peça num romance, *Peter and Wendy*, em 1911.

Há duas versões para o surgimento do personagem Peter Pan. Em uma, Barrie a inventou quando contava histórias aos filhos da sua amiga Sylvia Llewelyn Davies. A outra versão, é que a inspiração para a criação do personagem teria sido o irmão mais velho de Barrie, David, que morreu acidentalmente patinando no gelo.

A narrativa trabalha com dois temas básicos: o confronto entre civilização e natureza — a primeira representada pela família Darling, a segunda pelo herói — e a divisão etária que separa infância e idade adulta, com o personagem focal que se recusa a crescer.

A história é mais conhecida através da adaptação para desenho animado produzido pelos estúdios da Disney, em 1953; depois desta versão, surgem muitas outras versões para o cinema.

Como a maioria das histórias infantis que tem por protagonistas crianças, é necessário que elas deixem seu lugar seguro e protegido (casa, família) e se afastem dos adultos para que possam viver uma aventura que, ao ter fim, os transforma. Isso é o que acontece com Wendy em Peter Pan, assim como com Alice em Alice no País das Maravilhas. Esse afastamento da realidade é o que proporciona aos personagens a possibilidade de enfrentar seus problemas sozinhos e voltar transformados – ou digamos maduros. Outros ingredientes básicos a narrativas de aventura e fantasia que podem ser encontrados na obra são: o desconhecido, o perigo, o herói e seu contraposto, o vilão.

Podemos notar com a história de Peter Pan, a idéia de adulto miniaturizado, incorporado à personagem principal, Wendy. Em contrapartida temos seu oposto, Peter, que como se sabe, é o menino que se recusa a crescer. Tudo o que deseja na vida é ser exatamente o que já é - criança.

Ao chegarem a Terra do Nunca, - o refúgio de Peter e dos Meninos Perdidos, lugar que inclusive é o que os proporciona a possibilidade de continuarem crianças -, Wendy e seus irmãos – se confrontam com os vilões – que são todos adultos - e com quem as crianças lutam de igual para igual, defendendo sua própria vida.

O retorno à realidade é o abandono a Terra do Nunca. Ao constatar que seus irmãos estão se esquecendo dos pais e da vida que tinham antes de conhecer Peter e visitar a Terra do Nunca, Wendy fica apreensiva, e percebe que não é possível ser criança eternamente.

“Wendy cresceu. Você não precisa ter pena dela. Wendy era uma pessoa do tipo que gosta de crescer e acabou chegando à idade adulta, por sua livre e espontânea vontade, um dia antes das outras meninas.” (Barrie, 2011: s/n)

As aventuras vividas na Terra do Nunca transformam os irmãos Darling, que retornam para casa mais maduros e preparados para crescer. O mesmo acontece aos Meninos Perdidos, que são adotados pelo casal Darling. Somente Peter permanece na Terra do Nunca.

“Todas as crianças crescem, exceto uma.” (Barrie, 1937: s/n).

Peter Pan e Crianças Impossíveis

Inicialmente a história de *Peter Pan e os Meninos Perdidos*, foi escrita em formato de peça de teatral, destinada ao público adulto, e não ao público infantil como comercializado posteriormente. É um dos contos mais interessantes, relacionados à inadimplência e ao mesmo tempo a servidão voluntária e controle imposto às crianças. A narrativa de Barrie expressa uma visão de mundo específica acerca da criança em geral e de pequenos abandonados (Os Meninos Perdidos).

Analisando em um panorama geral, o primeiro ponto ao qual nos referenciamos ao pensar no personagem principal é sua recusa em se tornar adulto. Ele se recusa a crescer no sentido de não aceitar ser domesticado, se recusa a submissão às regras que tornariam um homem respeitável, e por essa razão, não há lugar para ele neste mundo, assim tem que partir e viver na Terra do Nunca.

A existência desse lugar único no qual o desejo de continuar criança para sempre pode ser realizado, a questão do principal inimigo de Peter Pan - o Capitão Gancho - ser justamente seu total oposto (adulto e *racional*), a visão refletida de Wendy, como uma criança *sensata*, que abandona a *Terra do Nunca*, e se propõe a seguir o *curso natural da vida*, se tornando adulta e *responsável*, além da questão do abandono infantil, são assuntos que podem ser discutidos no universo de Peter Pan.

A Terra do Nunca pode ser encarada como refúgio; nessa ilha (a margem do mundo real) os Meninos Perdidos têm leis próprias, respeitam seu chefe, Peter, não por medo ou por obrigação, mas porque têm orgulho de seus procedimentos e inteligência. A ilha é universo preparado especialmente para crianças e se configura em um esconderijo do mundo dos adultos. O principal inimigo de Peter – o Capitão Gancho – pode ser interpretado como símbolo das regras tradicionais que Peter se recusa a obedecer. Wendy é a criança que se lembra de seu lugar na sociedade, se lembra das responsabilidades, de sua família (a instituição a qual pertence) e por isso abandona, junto com seus irmãos e os Meninos Perdidos, a Terra do Nunca, inevitavelmente tendo que crescer.

(...) há quem acredite que um grande abismo separa o mundo dos menores do mundo dos adultos. Na realidade, esta distinção inexistente, porque o mundo do menor é uma continuidade do mundo adulto. Afinal, o adulto cria o menor procurando educá-lo para sua adaptação à sociedade” (Passetti, 1985: 9)

Ao abandonar a Terra do Nunca, abandonam a infância e suas próprias peculiaridades, enquanto indivíduos, e passam a representar seu papel dentro da sociedade ao se tornarem adultos.

Etienne de La Boétie, em seu *Discurso da Servidão Voluntária*, afirma que a liberdade é algo natural, e que além de nascermos senhores de nossa própria liberdade, possuímos também condições para defendê-la. O que, porém, é uma tarefa individual e intransferível. Em seu discurso ainda analise as 3 razões distintas para a servidão:

- *O hábito*. Os indivíduos são servos porque nasceram e foram criados dessa forma.
- *A covardia*. Os indivíduos aceitam a alienação e o poder que um tirano exerce sobre elas, e também, se submetem ao tirano para receberem algo em troca, a preço de sua liberdade.
- *Participação na tirania*. Essa participação faz uso de vantagens que o poder oferece, e apoiam diretamente os agentes tirania. Esses são os que colaboram para sujeição e a servidão e que asseguram o poder do tirano, visando obter lucro.

Peter se recusa a seguir qualquer dessas razões. Recusa-se a entrar para o mundo dos adultos e perder a liberdade de ser criança e voar livremente. Se recusando a tornar-se adulto, recusa o efeito imediato – tornar-se covarde –, por renunciar a si mesmo, ao obedecer a regras pré-estabelecidas, e se recusa a ser igual ao Capitão Gancho ou mesmo a seguir Wendy e os Meninos Perdidos quando os mesmo partem da Terra do Nunca.

Jacques Prévert, em *Contos para Crianças Impossíveis*, apresenta de maneira irônica, contos que refutam a autoridade e o controle administrados a nós desde crianças. Em um dos contos (A Avestruz) Prévert aponta uma questão já resgatada por William Godwin e por Max Stirner: a questão da *violência para educar*, direcionada às crianças:

“É inadmissível. Se os filhos não podem bater nos pais porque os pais podem bater nos filhos?” (Prévert, 2007: 10)

Essa violência tinha, e ainda tem o objeto da regulamentação do corpo, uma vez que a regulação da mente é realizada por meios diversos. Este cuidado em regulamentar, corpos e mentes simultaneamente, revela que por terem esse espírito livre e corajoso, tais indivíduos são os considerados *perigosos*.

“Houve um tempo em que surrar uma criança era próprio da conduta dos pais para melhor educar seus filhos. No interior da família, os genitores e os parentes, e fora dela, as autoridades superiores, escorados pela legislação e institucionalizações que sustentavam a continuidade do regime da propriedade, providenciavam para que a *boa* educação se constituísse.” (Passeti, 2011: 45)

As relações de poder se diferenciam do exercício de violência, por usar de saberes. Foucault constata que a articulação entre poder e saber permite um controle minucioso sobre os corpos dos indivíduos com o propósito de produzir corpos dóceis e úteis.

A Modernidade institui uma nova prática que não é a violência, de forma que aquele que é persuadido passa a exercer uma ação sobre si mesmo – notamos aqui a passagem da sociedade disciplinar para uma sociedade de controle.

Pesquisas inglesas indicam que, no início do século XX a situação da criança era grave não apenas nas classes inferiores. Havia um sistema diverso de castigos corporais a trabalhadores mirins, considerados preguiçosos e a alunos com dificuldades de aprendizagem, e assim, ao invés de atraí-los a vida escolar, os repelia pela rigidez. Para a criança pobre era ainda mais difícil, pois a mendicância era motivo de apreensão de menores em reformatórios, a fim de evitar a formação e proliferação de futuros delinquentes. Não havia escolha para os que não se adequavam aos padrões.

A partir de tal panorama não é difícil de entender a resistência de Peter a tal sistema.

“O que deixou Peter zozinho não foi a dor, mas a injustiça (...). Ele ficou sem ação, olhando fixo, horrorizado. Toda criança reage dessa forma na primeira vez em que recebe um tratamento injusto. Tudo o que ela se acha no direito de encontrar quando se aproxima de alguém é justiça. Poderá amar de novo uma pessoa que foi injusta com ela, porém nunca mais será a mesma criança. Ninguém se recupera da primeira injustiça. Ninguém, exceto Peter.” (Barrie, 1937: s/n)

Na realidade Peter não odeia crescer, odeia sim, as regras e os adultos que impedem o desenvolver de fantasias e que uma criança seja apenas uma criança.

Hoje, as preocupações com as convenções da sociedade, afastam o homem de si; como aponta Nietzsche, isso pode tornar os indivíduos doentes. Ainda, conforme Nietzsche, somente o conhecimento – um conhecimento diferente do relacionado à educação das crianças hoje - pode constituir um sujeito com e de ética.

O conhecimento senão esse mencionado por Nietzsche - um conhecimento de si e para si - resulta em construir o caráter, vontades e subjetividade do indivíduo, ou seja,

sua própria identidade, da mesma forma que faz o amontoado de tantos que se deixam guiar por vontades e valores alheios.

“Em nossa época, mais conformada e conformista, podemos rir e ironizar esse tipo de herói (...) que procura uma maneira singular de viver, fora dos padrões, normas e regras estabelecidas (...) o certo é que sem a presença desse tipo de heroísmo o nosso mundo se apequena. Torna-se cada vez mais difícil aprender algo sobre o que nós próprios não somos e não sabemos (...).” (Hara, 2012: 31)

A diferença de valores provém da dominação de homens por outros homens e o conceito de liberdade nasce pela dominação de classes sobre classes. Dessa forma, em cada momento da história a dominação é fixada em um ritual que impõe obrigações e direitos, constituindo cuidadosamente procedimentos. Pertencer a si mesmo exige coragem.

Plano de Trabalho

No próximo semestre será realizada a atualização bibliográfica. Busca-se contemplar a análise dos contos indicados anteriormente nesse relatório, ao mesmo tempo em que se busca levantar referencial bibliográfico histórico e analítico. Estas serão as principais atividades da pesquisa com o objetivo de contemplar tanto um adensamento da análise inicial dos contos exposta neste relatório, quanto a incorporação de novos contos e novas análises.

Pretende-se, em dois meses, sistematizar esse material bibliográfico. Sistematizar, anteriormente, o material já coletado e cumprir, nos três meses indicados essa nova análise do conjunto de contos selecionados.

Compreende ainda meu plano de trabalho a disponibilidade para acompanhamento de seminários internos e outras atividades do Projeto Temático Ecopolítica, e, de forma específica, do Fluxo Direitos.

Esse plano trabalho também prevê reuniões regulares com a orientadora, da mesma maneira que com a equipe do Projeto Temático. Sem previsão, outros relatórios poderão ser produzidos por mim, conforme a necessidade de minha pesquisa ou solicitação da equipe do projeto e/ou orientadora.

Cronograma

MESES	7	8	9	10	11	12
ATIVIDADES						
Atualização bibliográfica	■	■	■	■		
Reuniões de Orientação		■	■	■	■	
Análise dos contos			■	■	■	
Levantamento de material de pesquisa			■	■		
Sistematização Bibliográfica				■	■	
Sistematização do material coletado.	■	■	■			
Participação em Seminários Int.	■	■	■	■	■	
Redação do relatório final						■

Bibliografia

- AGAMBEM, Giorgio. *L'aperto. L'uomo e l'animale*. Torino: Bollati Boringhieri, 2002.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BARRIE, James Matthew. *Peter e Tradução de Hildegard Feist*. Londres: Fundação Hospitalar Infantil de Great Ormond Street, 1937.
- BURGESS, Anthony. *A literatura inglesa*. São Paulo: Ática, 1996.
- CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. 2ª edição revista. (Tradução de Izabel de Lorenzo). São Paulo: L&PM Editores, 2000.
- CARVALHO, Eronilda Maria Góis. *Educação infantil: percurso, dilemas e perspectivas*. Ilhéus, BA: Editus, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 15º Edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 39ª Edição. Editora Vozes, 2011.
- HARA, Tony. *Ensaio sobre a Singularidade*. São Paulo: Editora Intermeios, 2012.
- KANT, Immanuel. *Kant's Gesammelte Schriften*. Berlin: Walter de Gruyter & Co, 1902.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Schopenhauer educador*. São Paulo: Escala, 2008.
- PASSETTI, Edson. *O que é menor*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- PASSETTI, Edson. *Governamentalidade e Violências*. São Paulo: Currículo sem Fronteiras, v.11, n.1, pp.42-53, 2011.
- PREFEITURA DE SÃO PAULO. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.
- PRÉVERT, Jacques. *Contos para crianças impossíveis*. Tradução Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Editora CosacNaify, 2007.
- REDIN, Euclides. *O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

STIRNER, Max. *O único e sua propriedade*. Tradução João Barrento. Lisboa: Editora Antígona, 2004.

TRAGTENBERG, M. *A Escola enquanto Organização Complexa*. In: GARCIA, W. E. Educação Brasileira Contemporânea: organização e funcionamento. São Paulo: McGraw-Hill, 1981, p. 15-30.

Sites consultados

<http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/ritamarTSE.pdf> - Acesso em 01 de março de 2013

<http://www.pedagogiaaopedaletra.com.br/posts/a-origem-e-o-significado-dos-contos-de-fadas/> - Acesso em 01 de março de 2013

<http://www.cartacapital.com.br/carta-fundamental/a-historia-dos-contos-de-fada/> - Acesso em 01 de março de 2013

<http://www.livrosepessoas.com/2012/05/29/a-origem-dos-contos-de-fadas/> - Acesso em 01 de março de 2013

<http://www.caminhandocontando.com/2012/06/as-origens-dos-contos-de-fadas.html> - Acesso em 01 de março de 2013

<http://www.mafua.ufsc.br/daniervelin.html> - Acesso em 01 de março de 2013

http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/garrafa12/alessandragarrido_autopia.html - Acesso em 01 de março de 2013

<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2693814> - Acesso em 01 de março de 2013

<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/alice/comosurgiu.htm> - Acesso em 01 de março de 2013

<http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1174>- Acesso em 01 de março de 2013

<http://www.cnmf.faced.ufu.br/>- Acesso em 02 de março de 2013

http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307742091_ARQUIVO_ApresentacaoXIconlabEricaAtem.pdf - Acesso em 02 de março de 2013

http://www.ghente.org/doc_juridicos/decldirhumanos.htm - Acesso em 02 de março de 2013

<http://www.significados.com.br/humano/> - Acesso em 02 de março de 2013

<http://filosofia.platanoeditora.pt/Site%20Inicial/Nietzsche.html> - Acesso em 02 de março de 2013

http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9837 - Acesso em 02 de março de 2013

http://www.espacoacademico.com.br/069/69costa_mm.htm - Acesso em 02 de março de 2013

<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/934/93418042005.pdf> - Acesso em 04 de março de 2013

http://noticias.admitese.com.br/empregos_correiobrasiliense/template_interna_noticias_id_noticias=48749&id_sessoes=307/template_interna_noticias.shtml - Acesso em 04 de março de 2013

http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasletras/inicie/Bruna Brito.pdf - Acesso em 05 de março de 2013.

<http://www.letraspartilhadas.com/2012/02/alice-no-pais-das-maravilhas.html> - Acesso em 05 de março de 2013.

<http://www.scielo.br/pdf/rap/v44n2/08.pdf> - Acesso em 05 de março de 2013.

[http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&Subsec
aoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=807060](http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&Subsec
aoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=807060) - Acesso em 05 de
março de 2013.

<http://www.zahar.com.br/doc/t1506.pdf> - Acesso em 05 de março de 2013.

<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0224.html> - Acesso em 05 de
março de 2013.

http://www.eca.usp.br/caligrama/n_7/pdf/yamamoto.pdf - Acesso em 05 de março de
2013.